

Corpo e Afetividade

Colóquio Internacional Michel Henry

coordenação

Ana Paula Rosendo
Carlos Morujão

Índice

Introdução	7
<i>Ana Paula Rosendo, Carlos Morujão</i>	
Ler Michel Henry em tempos de crise. Perspetivas e desafios	11
<i>Jean Leclercq</i>	
Subjetividade absoluta, cogito, afetividade e intencionalidade (Estudo inicial)	29
<i>Américo Pereira</i>	
Os afetos constroem-se na relação	42
<i>Ana Paula Rosendo</i>	
Michel Henry e o Pensamento Científico Contemporâneo	52
<i>Ângela Lacerda Nobre</i>	
Corpo e finitude, em Michel Henry	62
<i>Cassiano Reimão</i>	
Que é uma Fenomenologia Material?	76
<i>Carlos Morujão</i>	
Fenomenologia da Afetividade: um estudo a partir de Michel Henry	89
<i>Janilce Silva Praseres</i>	
A sabedoria da carne: corporalidade e ética em Michel Henry	108
<i>João Elton de Jesus</i>	
Michel Henry e a psicanálise	126
<i>José Manuel Heleno</i>	
“Haverá uma carne sem corpo?” Releituras de <i>Incarnation...</i> de Michel Henry	149
<i>José Maria Silva Rosa</i>	

Sensibilidade e Carnalidade: entre Michel Henry e Merleau-Ponty <i>Nilo Ribeiro Júnior</i>	167
Corpo, fruição e sofrimento: a partir de Henry <i>Nuno Miguel Proença</i>	189
O Corpo como Ser no Mundo na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty <i>Sâmara Araújo Costa</i>	207
A significação da obra de arte na fenomenologia material de Michel Henry <i>Samuel Dimas</i>	218
Notas Biográficas	227

Introdução

O Colóquio Internacional «Corpo e Afetividade na Fenomenologia Material de Michel Henry», organizado pelo Centro de Estudos de Filosofia (CEFi) da Faculdade de Ciências Humanas, teve lugar na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, nos passados dias 2 e 3 de dezembro de 2015. A edição das atas do colóquio tem a dupla função de, por um lado, encerrar um ciclo de trabalhos levado a cabo pelo grupo de investigação com o mesmo nome e, por outro, possibilitar a abertura de um novo ciclo evolutivo, que passe por uma coordenação em rede do estudo e da divulgação do pensamento de Michel Henry no espaço da lusofonia. A concretização desta nova dinâmica de trabalho em rede implica um crescimento do grupo pela integração de novos elementos, pelo aprofundamento das parcerias internacionais já estabelecidas e, ainda, pela captação de novos parceiros no espaço lusófono, que partilhem e promovam os mesmos fins. A progressiva especialização também faz parte das atuais metas e inauguramos o novo ciclo de estudos pretendendo dedicá-lo ao tema «A alteridade ou o ser em relação», apoiando-nos no estudo das principais obras que Michel Henry a ele dedicou. A Fenomenologia Material de Henry pode constituir-se como uma fonte inesgotável para uma multiplicidade de leituras (cruzando saberes como a filosofia, a psicologia, a teologia e as ciências sociais), potenciando um trabalho proveitoso a todos aqueles que abraçarem este novo ciclo do projeto.

Importa referir que a inauguração de algo novo é, neste como em muitos outros casos, fruto da herança de um legado. O projeto de investigação «Corpo e Afetividade na Fenomenologia Material de Michel Henry» é herdeiro do antigo projeto de investigação «O que Pode um Corpo?», coordenado pela Professora Florinda Martins até finais de 2013. As repercussões desta herança já se fizeram sentir na organização deste colóquio internacional, bem como nos trabalhos preparatórios de seminário que o antecederam e prepararam, nos anos de 2014 e 2015. Tais trabalhos não podem ainda ser objeto, no momento atual, de uma avaliação que se pretenda definitiva. Contudo, almejamos que as repercussões da Fenomenologia Material de Michel Henry no espaço lusófono possam ser cada vez mais frutuosas e que, num futuro próximo, a semente que foi lançada à terra se venha a transformar em árvore frondosa.

O Colóquio Internacional «Corpo e Afetividade na Fenomenologia Material de Michel Henry» tomou o nome de um projeto de investigação que se iniciou no CEFi em 2014, projeto cuja proposta temática permite uma grande multiplicidade de leituras do pensamento do autor. O contributo dos participantes

foi rico e variado, espalhando-se por temas muito diversos. Abrimos a nossa publicação com o texto de Jean Leclercq, Professor de Filosofia na Universidade Católica de Lovaina e atual Diretor dos *Fonds Michel Henry*. Nele encontramos uma síntese das principais temáticas henryanas, constituindo-se como uma boa introdução ao seu pensamento. Para além de prestigiar a nossa publicação, este texto também a enriquece muito, dando pistas e sugerindo rumos para a investigação. Leclercq mostra a centralidade, no pensamento de Henry, do cuidado ético de atenção ao corpo enquanto espírito incarnado — transcendendo, por isso, todas as determinações de ordem empírico-biológica —, bem como à linguagem da vida. Esta última, aliás, como o autor acentua, é radicalmente diferente da linguagem do mundo, que desvela as coisas por meio de atos de conhecimento, cuja certeza última apenas é garantida por categorias como necessidade, causalidade ou universalidade. Parece existir então, para Henry, um desvelamento específico dos afetos, não por um ato de conhecimento (relevando de uma intencionalidade ainda de matriz husserliana), mas sim por uma atenção ao corpo incarnado, cuja explicitação não será já pertença do campo da filosofia, se esta é, de facto, uma demanda da racionalidade.

O texto de Jean Leclercq oferecia algumas dificuldades de tradução, em parte resultantes da especificidade da língua francesa, em parte resultantes da terminologia filosófica em uso nesta língua. De duas dessas dificuldades queremos dar aqui conta ao leitor. A primeira tem a ver com as traduções possíveis do termo *épreuve*. «Prova», «provação», «experiência», ou mesmo o infinitivo verbal substantivado «experimentar» parecem soluções igualmente possíveis; mas o termo experiência deverá sempre ser aqui entendido como significando «experiência vivida», tendo no seu horizonte o conceito fenomenológico de *Erlebnis*, muitas vezes, em português, traduzido por «vivência». Todavia, aquilo que separa a *épreuve* henryana da «vivência» no sentido da fenomenologia clássica é, também, tudo o que separa a sua fenomenologia não intencional da intencionalidade pensada à maneira de Edmund Husserl. O texto de Jean Leclercq é extremamente claro no estabelecimento destas distinções. A solução adotada é, certamente, contestável. Ao invés de utilizarmos uma mesma palavra portuguesa para a mesma palavra francesa, utilizámos qualquer uma das quatro acima referidas sempre que nos pareceu que, em português, os hábitos da língua assim o exigiam.

Uma outra dificuldade relaciona-se com a tradução de *Moi*, cujo equivalente português, «mim», não se presta a ser substantivado como o seu equivalente francês. Efetivamente, se nenhuma estranheza causa, a ouvidos franceses, dizer-se *le Moi*, já «o mim» seria inaceitável em português. Não parece, à primeira

vista, restar outra possibilidade senão a de traduzir *le Moi* por «o Eu», mesmo em muitas daquelas situações em que Leclercq (ou Henry citado por Leclercq) o distingue de *Je*. Deveria, nestes casos, realizar o leitor o esforço de compreensão que lhe permitisse distinguir as diferenças no uso do mesmo pronome pessoal em português. Todavia, esta solução simples não funciona para todos os casos, podendo mesmo, em alguns, ocasionar distorções graves na compreensão do sentido do texto. Foi a consciência disto que nos levou a adotar o seguinte recurso: traduzindo sempre *le Moi* por «o Eu», em todas as situações em que *le Moi* e *le Je* aparecem contrapostos colocamos, entre parêntesis, a seguir à ocorrência de cada um, o original francês.

Os textos dos investigadores portugueses e brasileiros que participaram no Colóquio, cujo critério de apresentação é por ordem alfabética, abordam o pensamento de Henry a partir de vários ângulos de análise. Ora interrogando momentos fundamentais da tradição filosófica à luz do pensamento de Henry, como no texto de Américo Pinheira Pereira «Subjetividade absoluta; *cogito*, afetividade e intencionalidade», no qual se propõe uma leitura de algumas aporias detetadas na conceção cartesiana do *cogito*. Ora, como no texto de Sâmara Araújo Costa, «O corpo como ser no mundo na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty», ou ainda no de Nilo Ribeiro Júnior, «Sensibilidade e carnalidade: entre Michel Henry e Merleau-Ponty», recordando, para lá das diferenças, a herança de uma filosofia do corpo de matriz merleau-pontyana, que Henry acolhe e prolonga. Ora, outras vezes, prolongando aspetos específicos do pensamento de Henry, como Ana Paula Rosendo com a sua proposta de um itinerário para a alteridade no texto «Os afetos constroem-se na relação: que relação?»; Janilce Praseres em «Fenomenologia da afetividade: um estudo a partir de Michel Henry»; Nuno Proença em «Corpo, fruição e sofrimento»; João Elton de Jesus em «A sabedoria da carne: corporeidade e ética em Michel Henry», interrogando, em particular, a pertinência do pensamento de Henry para uma abordagem contemporânea da sexualidade e das questões de género; ou ainda Cassiano Reimão em «Corpo e finitude, em Michel Henry». Ora, ainda, avaliando os contributos particulares do pensamento de Henry para a análise de aspetos específicos dos saberes contemporâneos, como o faz Ângela Lacerda Nobre para o pensamento científico em «Michel Henry e o pensamento científico contemporâneo»; Samuel Dimas para a estética em «A significação da obra de arte na fenomenologia material de Michel Henry»; ou José Heleno para a Psicanálise em «Michel Henry e a psicanálise». Ora, por fim, explorando alguns equívocos de Henry, seja na interpretação de certos aspetos da fenomenologia clássica, como Carlos Morujão

em «Que é uma Fenomenologia Material?»; seja na sua compreensão do estatuto da carne, como José Rosa em «Haverá uma carne sem corpo?». No seu conjunto, o leitor encontrará um conjunto de textos que o ajudarão, certamente, na compreensão do pensamento de Henry, mas também a orientar-se na abordagem de alguns complexos problemas da filosofia do nosso tempo, seja ela ou não de matriz fenomenológica.

Ao terminar esta breve apresentação, é justo dirigir um público agradecimento ao inestimável contributo do Professor Cassiano Reimão, coordenador do projeto de investigação «Corpo e Afetividade na Fenomenologia Material de Michel Henry» e membro da Comissão Científica do Colóquio.

Ana Paula Rosendo
Carlos Morujão